

Derrota do governo faz mercados desabar

Tal como FHC e seus aliados, os investidores também tinham como certa a aprovação do pacote fiscal

MÁRCIA PINHEIRO
e DENISE RAMIRO

A derrota do governo ontem no Congresso, durante a votação da Medida Provisória 1.720, deu um empurrão ladeira abaixo nas bolsas, que já haviam iniciado o mês com disposição para quedas. O mercado foi pego de surpresa com a desorganização da base governista, que subestimou a quantidade de "infiéis" no plenário. Nem a aprovação do pacote de ajuste fiscal por parte do Fundo Monetário Internacional (FMI), que normalmente serviria de combustível, foi suficiente para reverter o péssimo desempenho do mercado.

Acostumados a sucessivas vitórias nas votações do ajuste fiscal, os investidores foram pegos de surpresa e desencadearam pesadas ordens de venda. Por pouco não foi acionado, pela oitava vez desde sua criação, o circuit-breaker na Bovespa. O índice da carteira teórica paulista atingiu a mínima de -9,74% na última meia hora. O Ibovespa fechou com perda de 8,79% e volume mais forte: de R\$ 729 milhões, o que significou real vontade de desova, não apenas "baixa no grito". Aparentemente, o mercado deixou de lado o otimismo em relação ao segundo mandato de Fernando

QUEDA NA TAXA DE JUROS PODE SER ADIADA

Dow Jones acusou baixa de aproximadamente 100 pontos durante boa parte do pregão.

Juros – O mercado financeiro viveu um dia de nervosismo. O que no início da semana era explicado por um movimento de realização de lucros, passou a incomodar de fato ontem. A Bolsa de Nova York operou em forte queda de mais de 100 pontos. A Bolsa paulista passou a tarde esbarrrando no circuit-breaker.

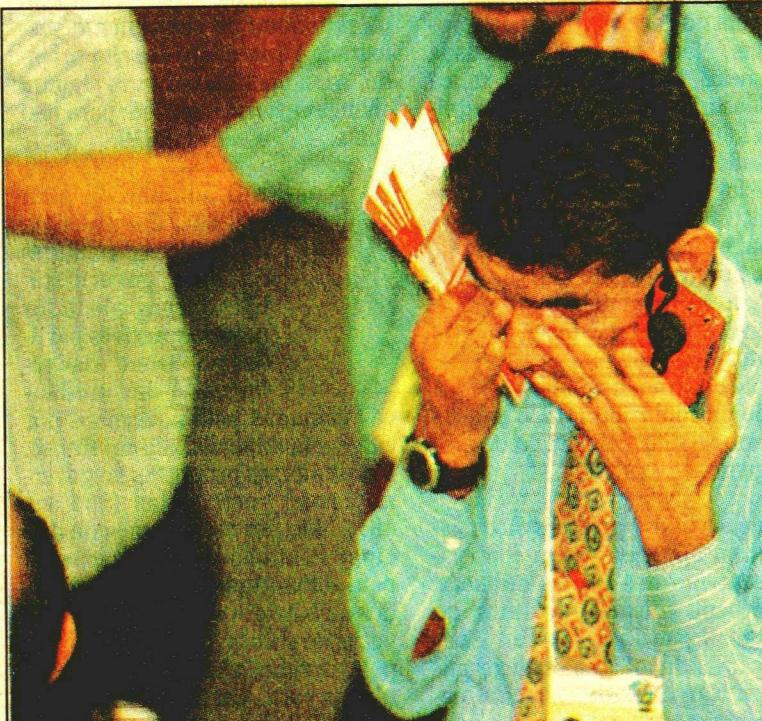
No mercado de câmbio, voltaram

Henrique Cardoso e passou a refletir sobre as dificuldades de se cumprir o acordo com o FMI e sobre o aprofundamento da recessão em 99.

No rol das más notícias do dia, houve o fracasso do leilão da Cearal (Companhia Energética de Alagoas) na Bolsa de Valores do Rio. O único consórcio habilitado, o Cosepar, recuou no último minuto e não apresentou lances. O ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito, considerou a não realização da venda "um fato isolado".

Nesse ambiente de franco pessimismo, passou ao largo uma boa notícia. Os bancos centrais dos 11 países que participam do sistema de moeda única europeia, que entrará em vigor a partir de 1º de janeiro de 1999, cortaram os juros para 3,0%, exceto a Itália, que reduziu a taxa de juro para 3,5%.

Animadas com a boa-nova, as bolsas europeias fecharam em alta, mas esse sorriso de alegria não contagiou Nova York, onde o Índice



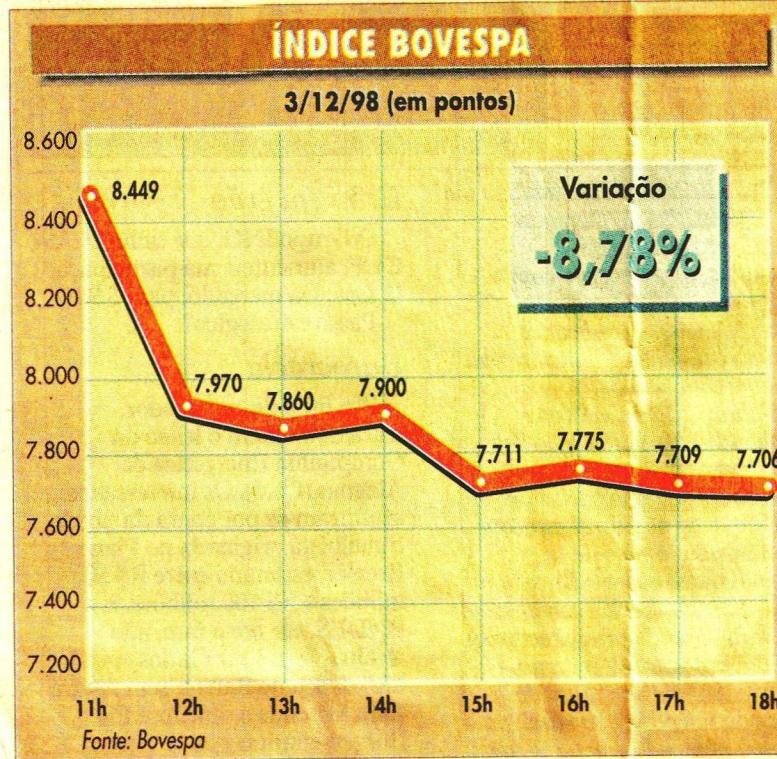
Bolsa de São Paulo: queda de 8,79% e R\$ 729 milhões em negócios

a circular rumores sobre uma desvalorização mais acentuada do real. Não seria de outro jeito. O dólar à vista fechou a US\$ 1,2021, alta de 0,07%. No mercado futuro, as projeções subiram e fecharam em US\$ 1,2143 para janeiro, alta de 0,14%, e US\$ 1,2308 para fevereiro, subindo 0,31% em relação à véspera.

O rumor de desvalorização ganhou força quando chegou ao mercado o boato de que o presidente do Banco Central estaria demissionário, desmentido à tarde. Com todos os mercados pressionados, o cambial não fugiu à regra. Os protagonistas do mercado ficaram atônitos com a derrota do governo na votação da

MP. A decepção que invadiu as mesas de operação não foi tanto por conta da significativa perda de receita que a não aprovação da medida acarreta (R\$ 2,5 bilhões, segundo o programa de ajuste fiscal), mas com o desgaste político do governo, que mostrou absoluta inabilidade em conduzir a votação. "A derrota é a ponta do iceberg, pois a aprovação das demais medidas, como o aumento da CPMF, não será tão simples como se imaginava", disse um operador.

O susto foi tão grande no mercado que nem a assinatura do acordo com o FMI amenizou o clima tenso ao longo do dia. O tiroteio, como dizem os profissionais, foi fortíssimo, provo-



cando grande volatilidade. As taxas, aliás, não fecharam nas máximas do dia, mas oscilaram bastante durante toda a tarde.

A derrota do governo foi um balde de água fria nas expectativas de redução dos juros. Afinal, estava muito clara a mensagem de que, sem a aprovação do ajuste, as taxas não poderiam cair. Assim, quem estava posicionado a favor da queda, correu para zerar posição. "Muita gente levou prejuízo, mas como o primeiro prejuízo é o melhor, ninguém quis arriscar", disse um operador.

Temendo que o Congresso venha ser um empecilho na aprovação formal do acordo com o FMI, o merca-

do já começou a traçar cenários pessimistas para a política monetária. Um operador que disse apostar, até ontem, na queda da Tban para 35% já na próxima reunião do Copom afirmou que, agora, a manutenção da taxa passa a ser uma possibilidade bastante concreta. Também há quem espere que, até o dia 16, o BC deixe de ajustar o over para, então, definir o que fará. Seja como for, a intervenção do BC hoje de manhã é aguardada com muita ansiedade. "Eu não tenho opinião até ver o que o BC fará", disse um operador. (AE)

■ Mais informações nas páginas 3, 4, 9, 10, 14, A5 e A6